

A Portugal*

POR OCASIÃO DO ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DE S. M.
FIDELÍSSIMA O SENHOR D. LUÍS I.

Além, através do espaço,
Do vasto, do longo oceano,
A nação e o soberano
Liga hoje imenso abraço.

5 Das duas glórias fez uma
O destino brando e grato,
Que os filhos de Viriato¹
Pôs aos pés dum novo Numa.²

10 Nação e Rei! A aliança
Ante os séculos escrita³
Tem por fim a glória e a dita
E o passado por fiança.

15 De teus avós,⁴ honra ilustre,
Tens, ó Rei, profícuo exemplo,
Das tuas glórias no templo
Vive tu, nação ilust[r]e.⁵

* Este poema ocorre em DB. Texto base: DB. O poema é composto por onze quadras heptassilábicas, com esquema de rimas abba. As abreviaturas empregadas nesta edição encontram-se ao final do texto editado. Editores: João Paulo Papassoni, José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.

¹ Viriato: herói lusitano, lutou contra os romanos na península Ibérica. Foi assassinado traiçoeiramente por embaixadores seus, subornados por Cipião, general romano mandado à península para combatê-lo, no ano de 139 a. C.

² Numa Pompílio: segundo rei legendário de Roma (c. 715-c.672 a. C.), foi o primeiro legislador da cidade.

³ Em DB, há um ponto ao final deste verso; poderia ser uma vírgula. Entretanto, optou-se apenas pela supressão do ponto.

⁴ avós: os antepassados do rei.

⁵ Essa estrofe contém um anacoluto: os dois primeiros versos dirigem-se ao rei no presente do indicativo; os dois últimos dirigem-se à “nação ilustre”, no imperativo. No primeiro verso, a primeira vírgula parece querer indicar que “na honra ilustre de teus avós / tens, ó Rei, profícuo exemplo”. O terceiro verso, por sua vez, contém um hipérbato; deve-se entender “no templo das tuas glórias” – expressão metafórica dos feitos dos antepassados (não se trata de glórias alcançadas “no templo”).

20 E se a espada nobre e audaz
Conquistou tanta vitória
Reclinada sobre a história
Faz hoje a história da paz.

Deste século o brasão
Tem por timbre a pena e o malho;
Na ciência e no trabalho
Cresce ó Rei, cresce ó nação.

25 Das antigas armaduras
Faz novos instrumentos;⁶
Sejam outros os talentos
Sejam outras as bravuras.

30 Que⁷ a testemunha real
Que a aliança presencia⁸
É o sol que hoje alumia
As terras de Portugal.

35 Sol de vida e de esperança
Que por ventura mais rara,
A doce aliança aclara
De Saboia e de Bragança.⁹

40 Ave Luís! E se os revezes
Tão longe nos hão lançado,
Lá somos ao vosso lado,
Porque somos portugueses,

Longe ou perto a mesma lei
É a nossa. Ela me diz:
Por Portugal e Luís
Pela pátria e pelo Rei!

M. de A.

[*Diário de Belém*, ano VII, n. 240, p. 2, 31 out. 1874.]

⁶ Verso hexassílabo – único dessa medida no poema; os demais são heptassílabos.

⁷ Que = Porque.

⁸ O verbo “presenciar”, quando conjugado regularmente, segue o modelo de “assobiar”; entretanto, “presenciar” é apenas um dos muitos verbos em “iar” que admitem conjugação pelo modelo “ansiar”, que segue o dos verbos terminados em “ear”. No caso deste verso, a conjugação regular resultaria em “presencia”, que rima consoantemente com “alumia” – como, aliás, ocorre em todos os quartetos do poema. Em DB, entretanto, está “presencia”; não se julgaram os editores no direito de intervir, concertando a rima.

⁹ D. Luís I (1838-1889), que reinou entre 1861 e 1889, pertencia à dinastia de Bragança. Casou-se em 1862 com D. Maria Pia, da casa italiana de Saboia.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

DB – *Diário de Belém*.

Referências

ASSIS, Machado de [M. de A.]. A Portugal. *Diário de Belém*, [Belém], ano VII, n. 240, p. 2, 31 out. 1874.

Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/222402/3126> >. Acesso em: 30 maio 2018.